

O TAMANHO DA GRANDEZA – GEOGRAFIA E HISTÓRIA EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

*Ettore Finazzi-Agrò**

RESUMO

Em *Grande sertão: veredas*, o tempo da estória aparenta, por um lado, abolir o tempo histórico e, pelo outro, resumir, dentro de si, a História toda. Os limites textuais se tornam, por isso, as margens ilusórias dentro das quais se encena – ou melhor, encontra o seu espaço e o seu tempo improváveis – uma dialética histórica paradoxal e inacabada, produto, por sua vez, de uma mistura inextricável de cronologias e de topologias diferentes ou até divergentes, cujo centro é ocupado apenas pela neutralidade daquilo que é duas coisas ao mesmo tempo (e no mesmo lugar), sem ser, porém, nem uma coisa nem outra. O tempo da narração que, no ato de se fechar, se reabre sem fim, corresponde, nesse sentido, a um espaço que o narrador tenta abarcar e abraçar dentro de uma definição, mas que se subtrai todavia a qualquer localização.

A presente comunicação procurará justamente investigar a(s) forma(s) do Tempo na obra-prima de Guimarães Rosa e a relação peculiar entre Geografia e História que nela se engendra.

Por em questão, como eu pretendo fazer hoje, as relações com a História e a Geografia implícitas em *Grande sertão: veredas*, significa, como é óbvio, questionar as múltiplas relações que esta obra “grande” tece – ou melhor ainda, textualiza; traz, entretecidas, no texto – com o Tempo e o Espaço. Tarefa evidentemente impossível, nos vinte minutos de que eu vou dispor, e que tentarei então resumir de modo fatalmente incompleto e subjetivo, me servindo, como ponto de partida, de duas citações.

A primeira vem de um estudo recente e magistral sobre o romance de Rosa escrito por Davi Arrigucci. Nele deparamos com a consideração seguinte:

* Universidade de Roma “La Sapienza”.

Estamos (...) diante de diferentes formas de narrativas misturadas, correspondendo no mais fundo a temporalidades igualmente distintas, mas coexistindo mescladas no sertão que é o mundo misturado. Não é à toa que esse é o lugar do atraso e do progresso imbricados, do arcaico e do moderno enredados, onde o movimento do tempo e das mudanças históricas compõe as mais peculiares combinações.

A segunda sugestão, ligada logicamente à primeira, a encontrei num livro que um crítico italiano, Franco Moretti, dedicou às *obras-mundo*, isto é, àqueles textos com que “a história literária não sabe o que fazer. Não os sabe classificar; e não os coloca em todo caso na mesma classe”; textos que só podem entrar numa categoria muito ampla, cuja definição possível é a de “épica moderna”: “Épica: pelas muitas semelhanças estruturais que a ligam com um passado longínquo [...]. Mas épica moderna, porque as discontinuidades decerto não faltam”. Ora bem, uma das características fundamentais das *obras-mundo*, estudadas no livro de Moretti é, justamente, o fato que, diferentemente daquilo que ocorre na “épica do progresso” (privilegiando “a não-contemporaneidade do que é contemporâneo: o “Ao lado” torna-se um “Depois”, e a geografia é reescrita como história”), nos textos que deveriam entrar na categoria definida pelo estudioso italiano e que pertenceriam à “épica moderna”, “passa para o primeiro plano a contemporaneidade do que não é contemporâneo: “Depois” transforma-se em “Ao lado” – e a história torna-se assim uma gigantesca *metáfora da geografia*”.

Traduzindo imediatamente essas afirmações em termos brasileiros, teremos talvez nas mãos uma razão plausível e simples da grande divisão que corre entre duas das “obras de fundação” desta cultura: **Os sertões** e, justamente, **Grande sertão: veredas** – livros que, com certeza, dialogam idealmente entre si, mas com a diferença importante que, no primeiro, Euclides tenta reescrever a geografia como história, ou, dito de outra forma, tenta encontrar na geografia o sentido da história.¹ Tentativa falhada, diga-se logo, visto que o autor dos **Sertões** acaba por verificar, contra a ideologia do progresso que lhe era própria, a relatividade das noções de “primitivo” e “civilizado” – como, com mais clareza, se avultará nos seus textos amazônicos. Mas o desenho inicial, esboçado na primeira parte da sua obra maior, vai decerto no sentido de fazer do espaço uma grande metáfora do tempo, ao passo que o projeto narrativo de Guimarães Rosa surge justamente do fracasso do programa “positivista” euclideano, no ponto em que a história se torna figuração simbólica da diversificação geográfica.

Por isso, aliás, o escritor mineiro *deveu* escolher a forma híbrida do falso diálogo para contar a sua estória: porque nela tinham que se refletir, num tempo único, tempos diferentes – para ser mais claro, o tempo acelerado da cidade e o tempo parado do sertão, o avanço da civilização e o atraso de uma dimensão primitiva, a

¹ Lembre-se que do “diálogo” entre essas duas obras-primas, de fato, procedem também a estrutura e a partição do estudo fundamental de Antonio Candido, “O Homem dos avessos”, agora em Rosa, 1994, p. 78-92.

projeção da cultura e a regressão da ignorância. Só nessa solução que não (se) resolve, de fato, a estrutura do livro podia refletir a estrutura da terra nele representada; só assim a história partida, desarmônica e ao mesmo tempo “bem temperada”, do Brasil podia encontrar a sua grande metáfora geográfica: num **Grande sertão** em que, com efeito, convivem e se misturam o moderno e o arcaico, a exatidão da ciência e a superstição da magia, o amor pela precisão e a paixão pelo indistinto. Dimensão aérea e telúrica, habitada pela leveza e pela gravidade, pela rapidez e pela lentidão, o romance, na verdade, se alimenta e transcorre entre esses termos sem parar, utilizando-se de uma língua em que, justamente, a opacidade da poesia se conjuga com a transparência da prosa, a química das palavras com a alquimia da Palavra – e em que, afinal, a narrativa urbana se junta à epopéia rural, o *logos* da cidade ao *mythos* do interior, gerando um epos romanesco em que a dicotomia, tanto espacial quanto ideológica e social, finalmente se dá a ler, e se dá a ler nos modos e nos ritmos do drama poético.

Escreveu, de fato, ainda Davi Arrigucci que “embora o sertão não se enquadre claramente na História”, ele “está referido ao processo histórico (e ao mundo urbano)”; e, um pouco mais adiante: “é possível notar a significativa mistura dos níveis da realidade histórica, combinados nas profundezas do sertão, demonstrando como esse espaço tão particular se acha siderado pelos valores da cidade, que penetram fundo nos modos de vida onde parece que reina apenas a natureza” (Arrigucci Jr, 1994, p. 16). A forma da escrita e o conteúdo dela denunciam justamente, sobretudo através da instância, inaudível mas sempre presente, do interlocutor-narratário, a convocação da história para dentro desse espaço fora e longe da história, representado pelo sertão feito livro. Por outro lado, a própria presença-ausente do “cidadão” projeta os valores emblemáticos (e/ou as dúvidas sobre eles) que sustentam o discurso do sertanejo do interior de uma dimensão regional para o exterior da história nacional. Ou seja, para utilizar mais um pouco as expressões de Arrigucci:

Arrancando do meio do sertão, a fala do Narrador se dirige para a cidade; o livro por assim dizer traz para o presente e para o mundo urbano as peculiaridades de uma região em princípio atrasada, imersa em outros tempos: esse é o movimento do mito à pergunta pelo sentido; do espaço arcaico, em múltiplas gradações, rumo ao espaço urbano e moderno do universo burguês.

Duplo movimento, centrípeto e centrífugo, em que se delineia o sentido desse espaço, ficcional e real a um tempo, que é o cronótopo incerto, nebuloso, da obra. E daí vem, na minha opinião, também a grande diferença (ideológica, estética, de gênero) entre a tradição do “romance regionalista” e o livro de Guimarães Rosa, que nela se insere, *per-passando-a*, porém, isto é, passando por ela, atravessando e transcendendo as soluções poéticas e os códigos ideológicos propostos pela narrativa regional. A topografia de Rosa, a topografia em que se inscreve a obra e que a obra de-screve, apresenta-se de fato como uma dimensão flutuante, incerta, visto que se é

verdade que “o espaço é condição do sentido e dos valores, topologia sob semiótica, o espaço local repartido em regiões”, é também verdade que as margens entre os tempos, os confins entre os lugares, as fronteiras entre os valores, se diluem em **Grande sertão** numa geografia e numa história indistintas, em que o limite é, sim, acesso a uma dimensão peculiar de significado, mas é também condição preliminar para a sua perda. Traduzindo tudo isso em termos histórico-literários, chegaremos a concluir que se o romance regionalista nos fala, do interior de uma perspectiva particular, dos valores universais que ali se depositam, o romance rosiano utiliza-se do duplo ponto de vista (urbano e rural, moderno e arcaico, culto e popular) enterrado no seu falso diálogo para globalizar os sentidos locais e para localizar o sentido global, sem que seja possível distinguir o *dentro* do *fora*, aquilo que faz parte da *província* daquilo que vem da *terra* (para re-usar termos já empregados por Antonio Candido).

A ânsia enciclopédica (ou, talvez, “épica”) de Guimarães Rosa se realiza, nessa perspectiva, na construção de uma obra em que não só muitas coisas e casos se encontram no mesmo lugar, mas em que aquilo que conta é, sobretudo, o deslocamento constante do sentido, a metamorfose da experiência, a tradução dos eventos contados em linguagens diferentes (da lírica à romanesca, da épica à dramática, da rústica à urbana, e vice-versa); aquilo que conta é, afinal, a interferência entre as noções, a passagem de uma coisa para a outra – a lógica operativa, enfim, que permite transitar através da multiplicidade, reencontrando a unidade do espaço e do tempo na dispersão dos lugares e das cronologias, ou a exemplaridade do lugar e a unicidade do evento na indistinção e indefinição de um espaço e de um tempo totais.

O autor, então, “inventa” (ou seja, faz e, ao mesmo tempo, *invenit*, ‘encontra’ já feita por outros) uma dimensão que é real na sua irrealidade e vice-versa, que é sua e de todos, própria e de ninguém, e que, por isso, não pode ficar fechada dentro de uma definição, de um gênero, de um discurso ou de um código historicamente definidos, mas deve permanecer aberta, enciclopedicamente disponível a abrigar dentro de si o Novo e o Inesperado, colocando-os todavia em relação com o já Conhecido, com o já Pensado: invenção e tradição imbricadas, num mecanismo de inversão temporal que visa a construção de uma espécie de “futuro do passado”. O **Grande sertão** rosiano, se visto como tentativa de legitimar o moderno no arcaico e de relegitimar o arcaico no moderno, deve, de fato, ser pensado também como a realização paradoxal de uma memória das coisas vindouras, que se revelam justamente no ponto ilocável em que todos os gêneros tradicionais se entrecruzam, penetrando um no outro, tornando-se necessários um através do outro e dando lugar a uma forma discursiva até então irrealizada, polifônica e aberta para aquilo que pode “vir ao sentido”. A cultura popular, por exemplo, tão presente no ditado romanesco e que lhe confere aquela tonalidade épica tão característica, não pode, nesse sentido, ser lida e interpretada senão através da cultura erudita, isto é, graças ao filtro da épica e da tradição clássicas, sendo ao mesmo tempo relacionada com o uso moderno da forma épica (um exemplo por todos: o modelo do **Ulisses** joyceano); assim como,

por outro lado, a erudição e a cultura “alta” são emolduradas num contexto “baixo” que as vivifica, mobilizando conteúdos petrificados, projetando-os para um futuro que se vira para o passado.²

De modo diferente e ao mesmo tempo complementar em relação ao romance regionalista, em suma, a obra de Rosa nunca nos coloca diante de duas culturas, de dois tempos, de dois espaços, mas questiona (e nos questiona sobre) a própria noção de cultura e a sua aparente duplicidade, assim como se (e nos) interroga sobre o que se pode entender com “tempo” e “espaço”, ou seja, o que significa a história e a geografia numa terra marginalizada, em que coexistem – um dentro do outro, um através do outro – o atraso e o progresso, o passado e o futuro, o interior e a cidade, a aridez do sertão e o vicejar das veredas. E, por trás de tudo isso, não encontramos, coerentemente, apenas a tragédia da divisão, da pobreza contraposta à riqueza, da ignorância e da superstição separadas do saber e da razão, mas, mais em profundidade, descobrimos a tentativa de chegar à raiz da “lógica” (do *logos*) da Tragédia, enquanto tentativa de “pensar a radicalidade dos conflitos e das contradições que ‘não se podem, porém se devem pensar em conjunto’”.³ O hibridismo das personagens principais assim como a natureza misturada do deus e do diabo, a qualidade nebulosa do *bom* e do *ruim*, o poder mágico da razão e racionalidade da magia, nos dizem exatamente isto, nos colocam naquela condição que os gregos definiam com a palavra “aporia”, ou seja, etimologicamente, de aparente falta de passagens (visto que *pôrow* tem, justamente, o significado de “trânsito” e que o alfa inicial guarda, como se sabe, valor negativo ou “privativo”). Só que, sendo assim, encontrando-nos numa situação anterior a qualquer passagem entre lugares diferentes, nós conseguimos também entrever a razão primordial do Trânsito; conseguimos enxergar aquilo que se esconde na Passagem, aquilo que faz com que os lugares sejam tais (isto é, espaços locais); conseguimos, em outras palavras, ficando num espaço indistinto, perceber o princípio de toda distinção entre cronologias e topologias diferentes.

Voltando atrás, nesse sentido, mergulhando-nos numa geografia e numa história virtuais, anteriores (ou posteriores) a qualquer história e a qualquer geografia, Guimarães Rosa nos leva muito além (ou aquém) do regionalismo, fazendo-nos intuir a razão histórica implícita na divisão regional, apontando-nos o significado profundo da distinção geográfica assim como das fronteiras éticas, ideológicas, sociais, que atravessam o Brasil – e que, através do Brasil, dividem em aparência o mundo inteiro em duas partes contrapostas ou em conflito. Mas intuir não é entender, assim como apontar não é desvendar: e por isso, como o narrador, que quer saber do medo e da coragem e daquilo que “dá corpo ao suceder”, estando perto da verdade sem nunca a descobrir ou descobrindo-a quando ela já se tornou intangível,

² Em geral, sobre as relações inter-culturais e/ou intra-culturais em *Grande sertão*, ver o importante livro de Arroyo, Leonardo. *A cultura popular em GS: V*. Rio de Janeiro: José Olympio/INL, 1984.

³ A frase citada por Rella é de Simone Weil. (Rella, 1993, p. 130)

também o leitor convive com o sentido virtual da divisão, está perto a desatar o nó do seu enigma, mas quando encontra a resposta descobre que ela não é uma solução, mas apenas a reproposição do enigma. Descobrimo, então, o convencionalismo das divisões, a superficialidade daquilo que se considera “região”, recaímos num espaço sem trânsito – numa “aporia”, justamente: “sertão não tem janelas nem portas” (FC, II, p. 315) –, sendo, por isso, obrigados, pela inelutabilidade do caminho, a aceitar a convenção das fronteiras, o lugar comum da vida como passagem, do homem como travessia.

De modo talvez mais radical, pode-se dizer que o regionalismo rosiano é condição para uma ausência de determinações espaciais e é, ao mesmo tempo, por ela determinado, é por ela tornado presente e real: ou seja, que a escolha do sertão como lugar único da ação romanesca permite a sua dilatação para além de toda especificação espacial, sendo esta especificidade recuperada na própria absolutização do lugar contado – “Tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado... [...]. O sertão é confusão em grande demasiado sossego” (FC, II, p. 289). E é óbvio que em tanta sossegante e, por isso, perturbadora “con-fusão” de horizontes, nesse desmoronamento e recomposição das divisões e das definições, aquilo que volta a ser a única possível medida de todas as coisas é a instância individual: quer dizer que o homem se repropõe como o agente de um espaço que só parece poder existir em relação a ele. Mas ao mesmo tempo, o indivíduo é “agido” ou determinado pelo espaço,⁴ isto é, o lugar o define na sua limitação e precariedade, como se ele fosse esmagado pelas margens que ele mesmo cria na sua *passagem através*, na sua travessia. Assim a “tragédia” – que é a tragédia em que se instala **Grande sertão** e pela qual o livro resulta, por sua vez, aniquilado enquanto livro à parte, enquanto dimensão textual definida – se repropõe nessa dialética espacial (e histórica) inconclusa e inconcludente, nessa dialética paradoxal e do paradoxo, que todavia alude a uma forma de pensamento: àquela que, pensando (n)o limite entre as coisas, chega a intuir o caráter disforme de qualquer lógica, a impossibilidade de qualquer limite, naufragando na ausência dos confins, na total impermanência, na fluidez de todas as fronteiras.

A verdade do lugar-sertão e do lugar-livro não seria, nesse sentido, o fruto de uma procura consciente e lógica, mas seria aquilo que vem através de uma revelação inesperada, de um pensamento híbrido, mais uma vez, de uma intuição “bastarda” que nos entrega apenas a certeza local de uma globalidade incerta, a atopia de toda delimitação topológica, a acronia de toda reconstrução histórica. Para além (ou para aquém) das muitas definições ou tentativas de definição presentes no texto, de fato, o único modo de identificar e expressar essa dimensão arquetípica e vindoura, essa história-estória que é uma metáfora ilimitada de uma geografia sem confins, re-

⁴ “Rebulir com o sertão, como dono? Mas o sertão era para, aos poucos e poucos, se ir obedecendo a ele; não era para à força se compor. Todos que malmontam no sertão só alcançam de reger em rédea por uns trechos; que sorrateiro o sertão vai virando tigre debaixo da sela”. FC, II, p. 240.

side, não por acaso, na mera indicação, no uso do dêictico, no emprego do pronome demonstrativo que mostra o lugar na sua latência, que o aponta no seu puro “ser-lá” e na sua impura evidência: “Sertão é isto” – *isto* que é “dentro da gente”, *isto* que é o nosso sentido e o nosso segredo, *isto* que nós, “homens humanos”, atravessamos sem nunca o atravessar.

ABSTRACT

In *Grande sertão: veredas* the time of the *estória* seems, on the one hand, to abolish historical time and, on the other hand, to take on History in its entirety. Textual bounds thus turn into illusory borders within which a historical dialectic is staged, having found its proper space and time, a time and a space that are the paradoxical and inconclusive results of an inextricable mixture of different chronologies and topologies. The heart of this strange dimension is occupied by the neutrality proper to something which is at once two opposite things and neither of the two. So the time of the tale, which in the end re-opens itself to the infinite, corresponds to a space which the teller tries to include into a definition or stable configuration but inevitably ends up evading from any form of localization.

Referências bibliográficas

- ARRIGUCCI Júnior, Davi. O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 40, nov. 1994.
- ARROYO, Leonardo. *A cultura popular em Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- MORETTI, Franco. *Opere mondo*. Torino: Einaudi, 1994.
- RELLA, Franco. *Miti e figure del moderno*. 2. ed. Milano: Feltrinelli, 1993.
- ROSA, J. Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- SERRES, M. *Hermès V: le passage du nord-ouest*. Paris: Minuit, 1980.